

MARCOS COIMBRA

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO
MARCOS.COIMBRA@UAI.COM.BR

MARCOS MICHELEIN/EM

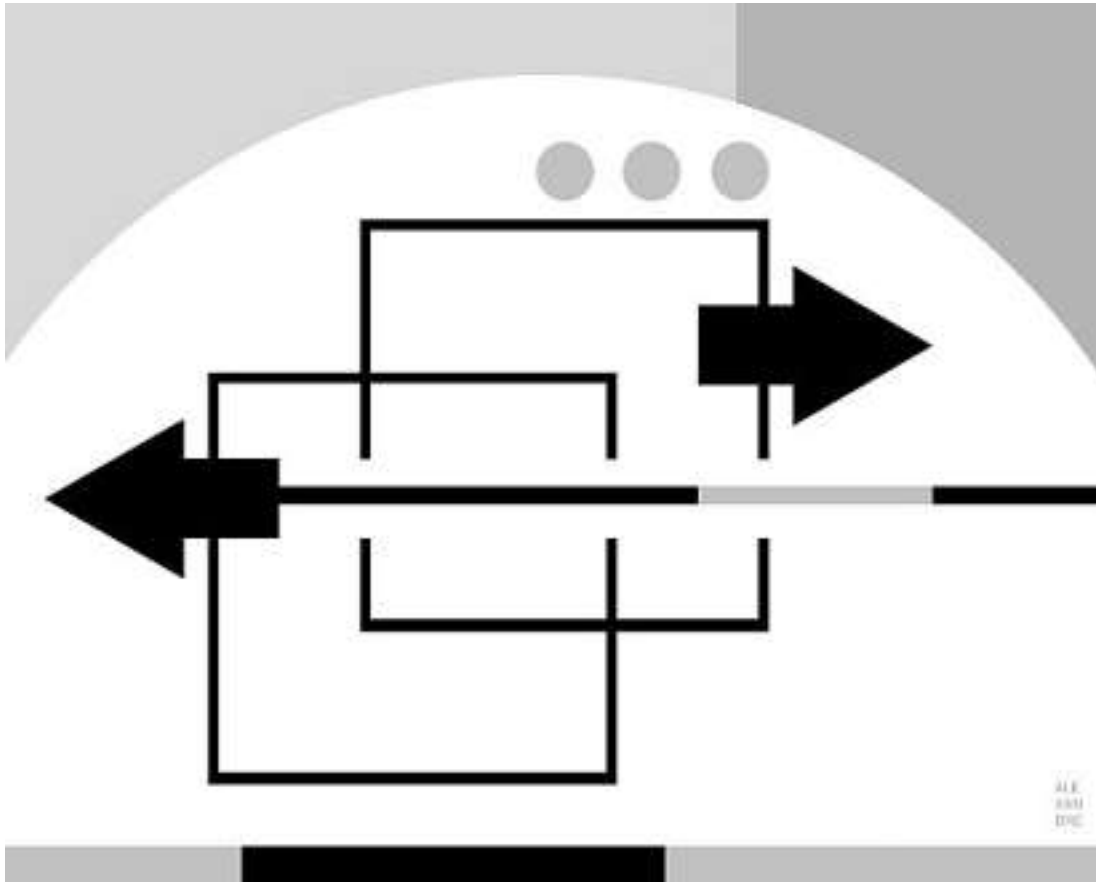
O dever dos outros

A pressão que alguns setores da oposição fizeram, nos últimos dias, sobre Aécio Neves chegou a ser, em alguns momentos, engraçada. Tudo para que ele aceitasse, de preferência imediatamente, ser o vice de Serra nas eleições deste ano.

Começava aí o lado cômico, querer que alguém corresse para anunciar que seria o vice de quem ainda não dissera ser candidato. Até as pedras da rua sabem que não é assim que as coisas acontecem e que, para montar uma chapa, o primeiro passo é a "cabeça", como se diz no jargão da política. Chega a ser ridículo o inverso.

Não era engraçado, mas pouco compreensível, o argumento de que, mesmo sem que Serra tivesse assumido a candidatura, Aécio deveria se oferecer para secundá-lo. Nunca houve um compromisso desse tipo entre os dois e, quando Aécio retirou seu nome da disputa para ser o candidato tucano a presidente, não estava subentendido que permaneceria na chapa como vice. Aliás, o que sempre foi afirmado pelas lideranças dos partidos de oposição é que a vaga de vice seria para um nome de fora do PSDB, de maneira a reforçar a aliança entre eles.

Aécio jamais pensou em ser candidato a vice e negou a possibilidade vezes sem conta. Esqueçamos, por um momento, suas razões (que são boas). Digamos que era apenas seu desejo. Ou seja, que ele apenas preferia ser



candidato a outra coisa, no caso, ao Senado. Que, não sendo candidato a presidente da República, não era de seu interesse participar da eleição nacional.

Na imensa maioria dos países, uma declaração como essa não causaria espanto. Salvo nos partidos altamente centralizados e com disciplina rígida (como as organizações

extremistas militarizadas, de esquerda ou direita), os políticos costumam direcionar a carreira segundo suas próprias conveniências e preferências. Ninguém é obrigado a ser candidato a isso ou aquilo.

No Brasil, nem se fala. Aqui, os partidos não determinam "missões" a seus filiados, não os forçam a concorrer a cargos

aos quais não aspiram.

Veja-se, por exemplo, o que está acontecendo agora, na eleição presidencial. Marina foi incumbida pelo PV a se candidatar? Teria sido Dilma obrigada a concorrer? Quando o PSOL quis que Heloisa Helena se candidatasse e ela não, o que aconteceu? Ciro está no páreo por determinação do PSB?

E Serra? Sua insistência em só assumir a candidatura quando quiser não está sendo respeitada por todos? Mesmo se a quase totalidade de seus companheiros não concorda com ele?

Não fazia sentido tamanha desproporção de pesos e medidas. Cobrava-se de Aécio algo que não existe em nossa vida política, a obrigação de se submeter a uma espécie de "dever partidário" (como se só houvesse uma interpretação do que é melhor para o PSDB!). Enquanto isso, se aceita que o governador de São Paulo fique à vontade para fazer como quer, o que equivale a relevá-lo de deveres para com seus correligionários e aliados.

O curioso é que toda essa pressão veio quando as pesquisas confirmaram o que já se sabia fazia tempo, que Dilma iria crescer e Serra cair, à medida que aumentasse o conhecimento de ela ser a candidata de Lula, assim se tornando a opção de quem está satisfeito com o governo e quer sua continuidade. Não se pode falar em emergência, em fato novo, quando acontece o previsto. Se não montaram sua estratégia eleitoral (incluindo a escolha do candidato) levando isso em conta, as oposições erraram.

Quem sabe, finalmente, foi aceita a realidade: Serra é o candidato e Aécio não vai ser vice. A menos que tudo que foi combinado seja revisto.

Agora, engraçado mesmo era achar que quem tinha que mudar era Aécio. Logo ele, que fez o que pôde para evitar que seu partido chegasse aonde está.

“

Quando Aécio retirou seu nome da disputa para ser o candidato tucano a presidente, não estava subentendido que permaneceria na chapa como vice. Aécio jamais pensou em ser candidato a vice e negou a possibilidade vezes sem conta

ELEIÇÕES

Comando da campanha de José Serra monta estratégia para que ele consiga ampla vantagem de votos no estado contra Dilma Rousseff, do PT. Anúncio oficial deverá ser no fim deste mês

SP é o ponto de largada

DENISE ROTHENBURG

Brasília – Depois de perder a semana passada num esforço para pular a fogueira acesa por setores do próprio PSDB e acabar com os boatos de que não seria candidato a presidente, o governador de São Paulo, José Serra, dedicará o resto deste mês no fortalecimento de sua vantagem no próprio estado para a largada da campanha presidencial. Serra planeja deixar o governo entre os dias 22 e 30. Todo o esforço em viagens e agendas até essa data será no sentido de assegurar a liderança.

A intenção dos tucanos é conseguir, em outubro, uma frente acima de 5 milhões de votos sobre Dilma em território paulista. Eles fazem esse cálculo com base no resultado eleitoral do primeiro turno de 2006. Há quatro anos, Geraldo Alckmin (PSDB) obteve 11,9 milhões de votos em São Paulo. Lula ficou com 8 milhões. Agora, como Dilma não é Lula e não tem uma história política no estado, a expectativa do PSDB é ampliar essa distância sobre o PT na sucessão presidencial deste ano.

Na sexta-feira, Serra desistiu de comparecer ao aniversário do senador Marconi Perillo (PSDB-GO), uma festa que pretendia reunir mais de mil pessoas. Tudo para não desmarcar a agenda de inaugurações previamente acertada em São Paulo. Foi para Botucatu entregar cinco viadutos da Rodovia Castello Branco (SP-280). Antes, passou por Avaré, para anunciar a ampliação do Programa Vila Dignidade – um projeto de constru-



Governador José Serra intensifica as viagens pelo interior do estado de São Paulo, com várias inaugurações, e PSDB mobiliza militantes

ção de condomínios para idosos de baixa renda onde as casas foram projetadas com pisos antiderrapantes e rampas. Toda sexta-feira, ele percorre, pelo menos, dois municípios do estado em inaugurações e assinatura de convênios para a ampliação de projetos.

As chuvas que provocaram uma tragédia na vida de milhares de paulistas no início do ano também atrapalharam um pouco o calendário de inaugu-

rações do governador. Antes de deixar o cargo, ele pretendia entregar todas as obras do Rodoanel e a Linha 4 do metrô. Agora, não sabe se conseguirá. Estava previsto, inclusive, um convite ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva para as inaugurações. Serra está convencido de que é positivo aparecer ao lado do presidente, como forma de mostrar que tem uma boa convivência e que não vai abandonar o que for positivo do atual

governo, caso do Bolsa-Família. O governador paulista era, na gestão Fernando Henrique Cardoso, um dos tucanos que faziam a ponte com o PT quando os dois partidos abriam alguma brecha para conversas.

TERRENO A intenção do PSDB é preparar todo o terreno para o lançamento oficial da pré-candidatura de Serra na última semana de março. Esse calendário não vai mudar, até porque nes-

se período estarão concentrados os programas regionais do PSDB na televisão, que serão usados para reforçar a imagem do governador de São Paulo. Também ficou acertado que Geraldo Alckmin será o candidato tucano ao governo estadual, mas isso só deve ser anunciado oficialmente pelo PSDB quando Serra já estiver fora do governo.

O deputado Mendes Thame (PSDB-SP), que comanda o partido no estado, tem trabalhado

no sentido de evitar que o fato de postergar o anúncio do nome de Alckmin seja visto com desconfiança por parte do grupo mais aliado ao ex-governador. A intenção, afirma ele, é não dividir os holofotes e ter dois momentos. "Todos já entenderam que precisamos estar unidos", diz Thame, referindo-se a Serra, Geraldo Alckmin, o vice-governador Alberto Goldman e o secretário de Governo, Aloysio Nunes Ferreira.

HOLOFOTES

O PSDB paulista faz, amanhã, uma megarreunião com representantes de 42 diretórios regionais do interior, cinco da Grande São Paulo e um da capital, para organizar a pré-campanha de José Serra dentro do partido no estado. "A gente tem que ir muito bem em São Paulo e sabemos que, ainda assim, não será suficiente", diz o deputado Mendes Thame (PSDB-SP). Quando Serra deixar o governo, o PSDB vai organizar uma série de encontros estaduais para que ele continue aparecendo na imprensa, especialmente nos telejornais. É o mesmo que o PT pretende fazer com Dilma Rousseff. Marina Silva e Ciro Gomes estão em vantagem nesse campo: como parlamentares, têm as tribunas: Marina, do Senado; Ciro, da Câmara.